

Aula 9 – Deficiências Sensoriais: Auditiva e Surdez

Objetivos de Aprendizagem:

Ao final desta aula, você será capaz de:

1. Diferenciar as perspectivas clínica (deficiência auditiva) e sociocultural (surdez).
2. Compreender a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) para o desenvolvimento cognitivo e identitário do sujeito surdo.
3. Analisar o papel fundamental e as atribuições do Tradutor e Intérprete de Libras (TILS) no contexto educacional.
4. Identificar e aplicar estratégias, tecnologias e recursos pedagógicos para a inclusão efetiva de estudantes surdos, com base nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Relevância Prática:

A inclusão de alunos surdos é uma realidade e um direito garantido por lei nas escolas brasileiras. Para profissionais da educação, estudantes de licenciatura e candidatos a concursos públicos, dominar este conteúdo não é apenas um diferencial, mas uma necessidade para atuar de forma ética, legal e pedagogicamente eficaz. Compreender as especificidades da surdez permite a criação de ambientes de aprendizagem verdadeiramente acessíveis, que promovem não só o sucesso acadêmico, mas também o desenvolvimento pleno da identidade e das competências socioemocionais desses estudantes.

Tópicos que Serão Cobertos:

- Deficiência Auditiva vs. Surdez: A Mudança de Paradigma
- A Comunidade e a Cultura Surda
- Libras: Mais que uma Língua, um Direito
- O Papel do Intérprete de Libras na Sala de Aula
- Estratégias Inclusivas: DUA, Tecnologias Assistivas e o PEI

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ: UMA PERSPECTIVA CULTURAL

Desconstruindo Conceitos: A Visão Clínica vs. A Visão Sociocultural

Para iniciar nossa discussão, é crucial estabelecer uma distinção fundamental que redefine toda a abordagem pedagógica e social: a diferença entre **deficiência auditiva** e **surdez**. Embora frequentemente usados como sinônimos no senso comum, esses termos carregam visões de mundo radicalmente distintas.

A **deficiência auditiva** é um conceito oriundo do **modelo clínico-terapêutico**. Nesta perspectiva, o foco está na audição como um sentido e na sua ausência ou diminuição como uma "falta" ou "déficit". A terminologia é centrada na patologia:

- **Diagnóstico:** Realizado por meio de exames como a audiometria.
- **Classificação:** Medida em graus (leve, moderada, severa, profunda).
- **Foco:** Na "correção" ou "reabilitação" da perda auditiva, muitas vezes por meio de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI) ou implantes cocleares.
- **Objetivo:** Fazer com que o indivíduo se aproxime ao máximo do padrão "ouvinte", priorizando a oralização (o desenvolvimento da fala).

Por outro lado, a **Surdez**, com "S" maiúsculo, é um conceito do **modelo sociocultural** ou **socioantropológico**. Esta abordagem não vê a ausência da audição como uma deficiência a ser curada, mas como uma característica que dá origem a uma experiência de vida diferente, com uma cultura, uma comunidade e uma língua próprias.

- **Identidade:** Ser Surdo é pertencer a uma minoria linguística e cultural.
- **Língua:** A língua de sinais (no Brasil, a Libras) é a língua natural e primeira (L1), sendo a via primária para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo.
- **Foco:** Na garantia de direitos linguísticos e na criação de ambientes visualmente acessíveis.
- **Objetivo:** O pleno desenvolvimento do sujeito Surdo em sua própria língua e cultura, e não sua "normalização" ao mundo ouvinte.

A **Lei Brasileira de Inclusão (LBI - Lei nº 13.146/2015)** corrobora a visão sociocultural ao definir a pessoa com deficiência como aquela que tem impedimento de longo prazo que, em interação com uma ou mais **barreiras**, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade. Ou seja, a "deficiência" não está na pessoa, mas na interação com um ambiente que não foi pensado para ela. Para o Surdo, a principal barreira é a comunicacional.

A RIQUEZA DA CULTURA SURDA

Elementos que Constituem uma Identidade

Quando falamos em Surdez como uma identidade cultural, não estamos usando o termo "cultura" de forma leviana. A Cultura Surda é um conjunto complexo e vibrante de artefatos, valores e comportamentos compartilhados por membros da Comunidade Surda, que se comunicam primariamente através da língua de sinais.

Artefatos Culturais

São as produções materiais e imateriais da comunidade.

- **Língua de Sinais (Libras):** O principal artefato. É uma língua viso-espacial completa, com léxico e gramática próprios.
- **Tecnologias Visuais:** Campanhas luminosas, despertadores vibratórios, aplicativos de videochamada. São adaptações do ambiente que refletem uma forma visual de estar no mundo.
- **Produções Artísticas:** A literatura surda (histórias contadas em Libras), o teatro surdo, a poesia em Libras, as artes plásticas e o cinema que exploram temas da identidade, da opressão histórica (oralismo) e da celebração da cultura surda.

Valores e Comportamentos

- **Comunidade:** Um forte senso de pertencimento. As associações de surdos são espaços vitais para a socialização, a militância política e a troca cultural.
- **Comunicação Visual:** O contato visual direto é essencial e demonstra respeito e atenção. Tocar no ombro ou no braço é uma forma comum e aceitável de chamar a atenção de alguém.
- **Identidade Positiva:** A valorização da identidade surda como algo positivo, em contraposição à visão histórica de "pena" ou "incapacidade". Ser Surdo é uma forma de ser e estar no mundo, não uma versão incompleta de um ouvinte.
- **Memória Histórica:** A transmissão de histórias sobre a luta pelo reconhecimento da língua de sinais e contra a imposição do oralismo (método que proibia o uso de sinais e forçava a fala) é um pilar da identidade coletiva. O Congresso de Milão de 1880, que banuiu as línguas de sinais da educação de surdos, é um marco histórico de opressão frequentemente rememorado.

Compreender esses elementos é fundamental para o educador. Um aluno surdo não é apenas um "aluno que não ouve". Ele é um potencial membro de uma cultura rica, e a escola inclusiva deve ser um espaço que reconhece, respeita e valoriza essa identidade.

O PARADIGMA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Libras como Primeira Língua (L1) e Português como Segunda (L2)

A partir do reconhecimento da Surdez como identidade linguística e cultural, emerge a proposta pedagógica mais adequada e defensora dos direitos dos surdos: a **Educação Bilíngue**. É importante esclarecer que, neste contexto, "bilíngue" possui um significado específico.

⚠ Educação Bilíngue para Surdos não é:

- Ensinar Libras como uma disciplina isolada para alunos ouvintes.
- Ter um intérprete em uma sala de aula de metodologia exclusivamente ouvinte.
- Simplesmente traduzir o português falado para a Libras.

✅ Educação Bilíngue para Surdos é:

Um modelo educacional onde a **Língua Brasileira de Sinais (Libras)** é a **língua de instrução, comunicação e desenvolvimento, ou seja, a primeira língua (L1)**. O português, na sua modalidade escrita, é ensinado como **segunda língua (L2)**.

Por que essa abordagem é crucial?



Desenvolvimento Cognitivo

A aquisição da linguagem na primeira infância é fundamental para o desenvolvimento do pensamento abstrato, da memória e de outras funções cognitivas superiores. Para 95% dos surdos, que nascem em famílias de ouvintes, a escola pode ser o primeiro espaço de contato sistemático com a Libras. Privá-los de sua língua



Construção da Identidade

A língua é o principal veículo da cultura. Ao ser imerso em Libras, o aluno surdo constrói uma autoimagem positiva, conecta-se com seus pares e com a Comunidade Surda, fortalecendo suas competências socioemocionais.



Letramento Efetivo

O aprendizado do português escrito como L2 se torna mais eficaz quando o aluno já tem uma L1 bem estabelecida. Ele aprende a ler e escrever em português a partir de conceitos que já domina em Libras, em um processo semelhante ao de um brasileiro aprendendo inglês. Tentar alfabetizar em português um aluno que não tem uma primeira língua estruturada é uma tarefa hercúlea e, muitas vezes,

LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: O MAPA DOS DIREITOS

Navegando pelas Leis que Fundamentam a Inclusão do Surdo

A luta da Comunidade Surda resultou em conquistas legais significativas que todo educador deve conhecer. Essas leis não são meras formalidades; elas moldam a prática pedagógica e garantem os recursos necessários para a inclusão.

Lei nº 10.436/2002 (A Lei de Libras)

Este é o marco zero do reconhecimento. A lei reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão. Ela estabelece que o poder público deve garantir formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Libras. É importante notar: ela reconhece a Libras como língua, não como "linguagem".

1

2

Decreto nº 5.626/2005

Este decreto regulamenta a Lei de Libras e é extremamente detalhado e prático. Suas principais determinações incluem:

- A inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores (Pedagogia, Fonoaudiologia e licenciaturas).
- A garantia da presença de um **Tradutor e Intérprete de Libras (TILS)** em salas de aula e em todas as esferas da administração pública.
- A organização da educação bilíngue, com Libras como L1 e português escrito como L2.
- A formação e certificação de professores de Libras e de intérpretes (através do exame ProLibras, hoje substituído por graduações específicas).

3

Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei nº 13.146/2015)

A LBI, ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, reforça e amplia esses direitos sob a ótica dos direitos humanos.

- **Art. 4º:** "Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades [...] e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação."
- **Art. 27º:** Define a educação como um direito, afirmando o dever do Estado de assegurar um "sistema educacional inclusivo em todos os níveis".
- **Art. 28º:** Detalha as incumbências do poder público, incluindo a oferta

O DEBATE ATUAL: O DECRETO Nº 10.502/2020

Inclusão vs. Especialização? Uma Polêmica Necessária

Em 2020, um novo elemento jurídico gerou intenso debate no campo da educação especial: o **Decreto nº 10.502**, que instituiu a "Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida". Este decreto, atualmente suspenso por decisão do STF mas ainda pauta de discussões, trouxe de volta ao centro da cena a tensão entre a inclusão em escolas regulares e a oferta em espaços especializados.

O que o Decreto Propõe?

O decreto não extingue a matrícula na escola regular, mas oferece outras opções, financiadas com recursos públicos, que podem ser escolhidas pelas famílias:

- **Classes Especiais:** Turmas exclusivas para alunos PAEE (Público-Alvo da Educação Especial) dentro de escolas regulares.
- **Escolas Especiais:** Instituições dedicadas exclusivamente ao atendimento de alunos PAEE.
- **Escolas Bilíngues de Surdos:** Escolas onde a Libras é a língua de instrução (L1) e o português escrito a L2, atendendo especificamente a estudantes surdos.

Os Argumentos a Favor

Os defensores do decreto, incluindo algumas associações de surdos, argumentam que:

- A "inclusão" nas escolas regulares muitas vezes é precária, com falta de intérpretes, professores despreparados e isolamento do aluno surdo.
- As escolas bilíngues de surdos seriam ambientes de imersão linguística e cultural, essenciais para o desenvolvimento pleno da identidade surda, algo que a escola regular com um único aluno surdo dificilmente consegue proporcionar.
- Daria às famílias o "direito de escolha", permitindo que optassem pelo modelo que julgassem mais adequado às necessidades de seus filhos.

Os Argumentos Contra (Críticas)

Os críticos, incluindo vastos setores de pesquisadores e movimentos de luta pela educação inclusiva, afirmam que:

- O decreto representa um retrocesso em relação à PNEEPEI de 2008, reintroduzindo um modelo segregacionista que o Brasil vinha tentando superar.
- Ao desviar recursos públicos para escolas e classes especiais, ele enfraquece a escola regular inclusiva, desobrigando-a de se qualificar e se tornar verdadeiramente acessível.
- A segregação, mesmo que em um ambiente "protegido", priva os alunos com e sem deficiência da rica oportunidade de convivência com a diversidade, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e para o desenvolvimento de competências socioemocionais como a empatia.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) COMO PRIMEIRA LÍNGUA

Desvendando a Estrutura de uma Língua Visuo-Espacial

A Libras não é uma "linguagem" ou uma representação gestual do português. É uma **língua** natural e completa, com estrutura gramatical própria, tão complexa e rica quanto qualquer língua oral. Entender seus fundamentos é o primeiro passo para respeitá-la e valorizar seu papel.

⊗ **Mitos Comuns sobre a Libras:**

- **"É universal"**: Falso. Assim como existem diversas línguas orais (inglês, japonês, etc.), existem diversas línguas de sinais. A Libras é usada no Brasil. Portugal tem a Língua Gestual Portuguesa (LGP), os EUA têm a American Sign Language (ASL), e assim por diante.
- **"É mímica"**: Falso. A mímica é uma representação icônica e universalmente compreensível. A Libras possui sinais arbitrários (que não se parecem com o que representam) e uma gramática complexa que precisa ser aprendida.
- **"É o português sinalizado"**: Falso. A Libras não segue a estrutura frasal do português. Ela tem uma sintaxe própria, muitas vezes organizando a frase na ordem Tópico-Comentário (ex: "BOLA VERMELHA EU QUERER" em vez de "Eu quero a bola vermelha").

Os Parâmetros da Libras

Os "fonemas" de uma língua de sinais são chamados de parâmetros. Um sinal é formado pela combinação de cinco parâmetros. A mudança em apenas um deles altera completamente o significado do sinal, assim como trocar "pata" por "bata" em português.

Configuração de Mão (CM)

A forma que a mão assume ao produzir o sinal.

Ponto de Articulação (PA)

O local no corpo ou no espaço onde o sinal é feito.

Movimento (M)

A forma como a mão se move no espaço (circular, retilíneo, etc.).

Orientação da Palma (O)

A direção para a qual a palma da mão aponta.

Expressões Faciais e Corporais (EF/C)

São componentes gramaticais, não apenas emocionais. Podem indicar negação, afirmação, intensidade ou diferenciar frases afirmativas, interrogativas e exclamativas.

O PAPEL DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS (TILS) NA SALA DE AULA

A Ponte Comunicacional e Cultural

A presença do **Tradutor e Intérprete de Libras-Português (TILS)** é um direito do aluno surdo na escola regular, garantido pelo Decreto 5.626/2005 e pela LBI. No entanto, a comunidade escolar frequentemente tem uma visão equivocada sobre suas funções. É fundamental esclarecer: **o intérprete não é um professor particular, um cuidador ou um tutor do aluno surdo.**

A Função Central do TILS

O TILS é um **mediador linguístico e cultural**. Seu trabalho é viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes. Ele atua em duas direções:

1. **Voz para Libras:** Interpreta o conteúdo falado em português pelo professor e colegas para a Libras, tornando-o acessível ao aluno surdo.
2. **Libras para Voz:** Interpreta os comentários, perguntas e apresentações do aluno surdo em Libras para o português oral, permitindo sua participação ativa.

Código de Ética e Atuação Profissional

A profissão de TILS é regulamentada pela Lei nº 12.319/2010. O profissional segue um código de ética rigoroso, que inclui:

- **Fidelidade:** A interpretação deve ser fiel ao conteúdo e à intenção da mensagem original, sem adicionar, omitir ou alterar informações. O intérprete não "explica com suas palavras". Ele interpreta.
- **Imparcialidade e Neutralidade:** O TILS não deve expressar suas opiniões pessoais nem interferir na relação pedagógica entre professor e aluno. Ele não toma partido em discussões nem responde pelo aluno.
- **Confidencialidade:** Manter sigilo sobre as informações a que tem acesso durante a atuação profissional.

O TILS é um Profissional, não um Recurso Pedagógico

É um erro comum o professor dizer "explique isso para ele, intérprete". A responsabilidade pedagógica é sempre do professor. O intérprete traduz a explicação do professor. Se o aluno surdo não entendeu, o professor deve buscar outras estratégias (visuais, práticas, etc.) para ensinar, e o intérprete irá traduzir essa nova abordagem. A parceria entre professor e intérprete é a chave para o sucesso.

A PARCERIA PROFESSOR-INTÉRPRETE: BOAS PRÁTICAS

Construindo uma Colaboração Eficaz para a Aprendizagem

Para que a atuação do TILS seja efetiva, é necessária uma colaboração consciente e planejada com o professor regente da turma. A inclusão não acontece por acaso; ela é construída.

Responsabilidades do Professor

1. **Planejamento Conjunto:** Sempre que possível, encontre-se com o TILS antes das aulas para discutir o plano de aula, os objetivos e, principalmente, os vocabulários técnicos ou conceituais que serão utilizados.
2. **Disponibilizar Material**
Antecipadamente: Fornecer ao TILS acesso prévio a slides, textos, vídeos e listas de exercícios. Isso permite que o intérprete estude o material, pesquise os sinais para termos específicos e se prepare para uma interpretação mais fluida e precisa.
3. **Falar Diretamente com o Aluno:** Dirija-se sempre ao aluno surdo, não ao intérprete. Em vez de dizer "Pergunte a ele se ele entendeu", olhe para o aluno e pergunte "Você entendeu?". O intérprete fará a mediação. Isso estabelece um vínculo direto e respeitoso.
4. **Gerenciar o Ritmo da Aula:** Fale em um ritmo natural, mas com pausas. Evite falar enquanto escreve de costas no quadro. Lembre-se de que a interpretação não é instantânea e requer um tempo de processamento.
5. **Utilizar Recursos Visuais:** Aulas expositivas longas são desafiadoras para todos, mas especialmente em um contexto de interpretação. Use gráficos, imagens, vídeos legendados e palavras-chave no quadro para apoiar a

Responsabilidades do Intérprete

1. **Posicionamento Estratégico:**
Posicionar-se em um local onde o aluno surdo possa ver claramente tanto o intérprete quanto o professor e o quadro/tela.
2. **Solicitar Esclarecimentos:** Se o professor usar um termo ambíguo ou falar rápido demais, é dever do intérprete solicitar, de forma discreta, um esclarecimento ou uma pausa para garantir a fidelidade da interpretação.
3. **Mediar a Cultura:** Em alguns momentos, o TILS pode precisar fornecer uma breve nota cultural para explicar uma expressão idiomática ou um conceito que não tem um equivalente direto, sempre com o objetivo de garantir a compreensão e não de interferir no conteúdo.

INTRODUÇÃO AO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA)

Projetando a Aprendizagem para Todos desde o Início

Uma das tendências mais transformadoras na educação inclusiva é a adoção do **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)**, em inglês, *Universal Design for Learning (UDL)*. Inspirado no conceito de desenho universal da arquitetura (que cria produtos e ambientes utilizáveis por todos, como rampas de acesso que servem a cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebê e idosos), o DUA aplica essa ideia ao currículo e à pedagogia.

A premissa do DUA é simples, mas poderosa: em vez de criar uma aula "padrão" e depois fazer "adaptações" reativas para alunos com necessidades específicas, devemos **projetar a experiência de aprendizagem desde o início para ser flexível e acessível a todos**. A variabilidade entre os aprendizes não é um problema a ser corrigido, mas a norma a ser esperada.

O DUA se baseia em três princípios fundamentais, alicerçados na neurociência da aprendizagem, que correspondem a três redes cerebrais distintas:

Princípio 1: Proporcionar Múltiplos Meios de Representação (O "QUÊ" da aprendizagem)

- **Rede Cerebral:** Redes de reconhecimento.
- **Foco:** Apresentar a informação e o conteúdo de diferentes maneiras.
- **Ideia Central:** Os alunos percebem e compreendem a informação de formas diferentes. Não existe um único meio de representação ideal para todos.

Princípio 2: Proporcionar Múltiplos Meios de Ação e Expressão (O "COMO" da aprendizagem)

- **Rede Cerebral:** Redes estratégicas.
- **Foco:** Oferecer alternativas para que os alunos possam demonstrar o que sabem.
- **Ideia Central:** Os alunos variam na forma como navegam em um ambiente de aprendizagem e expressam o que sabem. Não há um único meio de ação e expressão ideal para todos.

Princípio 3: Proporcionar Múltiplos Meios de Engajamento (O "PORQUÊ" da aprendizagem)

- **Rede Cerebral:** Redes afetivas.
- **Foco:** Estimular o interesse e a motivação para a aprendizagem.
- **Ideia Central:** Os alunos diferem marcadamente nas maneiras como podem ser engajados ou motivados. Não existe uma única forma de engajamento que seja ideal para todos.

DUA NA PRÁTICA (1): MÚLTIPLOS MEIOS DE REPRESENTAÇÃO PARA O ALUNO SURDO

Tornando o Conteúdo Acessível pela Via Visual

Vamos aplicar o primeiro princípio do DUA ao contexto da sala de aula com alunos surdos. Como podemos apresentar o conteúdo de múltiplas formas, garantindo que a informação chegue de maneira clara e eficaz, considerando que a via principal de acesso é a visual?

O objetivo aqui é oferecer alternativas para a informação, reduzindo barreiras à percepção.

1

Priorizar o Visual sobre o Auditivo

- **Em vez de apenas falar:** Use slides com pouco texto e muitas imagens, gráficos, mapas mentais e infográficos. A poluição visual é ruim, mas a dependência exclusiva da fala é uma barreira intransponível.
- **Exemplo:** Ao ensinar sobre o ciclo da água, não apenas descreva o processo. Mostre um vídeo animado (legendado e com janela de Libras), um diagrama detalhado e, se possível, faça um experimento prático.

2

Oferecer Alternativas para Informação Auditiva

- **Legendas:** Todo e qualquer material em vídeo ou áudio deve ter legendas de boa qualidade. Legendas automáticas podem ajudar, mas precisam de revisão.
- **Janela de Libras:** Além das legendas (que dão acesso ao português escrito), é fundamental incluir uma janela com a interpretação em Libras nos vídeos. Isso garante o acesso na L1 do aluno.
- **Transcrição:** Fornecer a transcrição de áudios e podcasts permite que o aluno leia o conteúdo no seu próprio ritmo.

3

Clarificar Vocabulário e Símbolos

- **Glossário Bilíngue:** Crie um glossário para a sua disciplina com os termos-chave em português, sua definição, uma imagem representativa e o sinal correspondente em Libras (pode ser um link para um vídeo curto mostrando o sinal). Isso é um recurso valioso que o aluno e o intérprete podem consultar.
- **Destaque Visual:** Use cores, negrito e diferentes tamanhos de fonte para destacar padrões, ideias-chave e relações entre conceitos em textos e apresentações.

Ao aplicar essas estratégias, você não beneficia apenas o aluno surdo. Um aluno com dislexia se beneficia do vídeo, um aluno com TDAH pode focar melhor no infográfico, e um estudante de outra

DUA NA PRÁTICA (2): MÚLTIPLOS MEIOS DE AÇÃO E EXPRESSÃO

Permitindo que o Aluno Surdo Mostre o que Sabe

O segundo princípio do DUA foca em como os alunos demonstram sua aprendizagem. Uma avaliação tradicional, baseada em uma prova escrita em português ou em uma apresentação oral, pode ser uma barreira significativa para o aluno surdo, avaliando mais sua proficiência em sua segunda língua (L2) do que seu conhecimento sobre o conteúdo.

Oferecer múltiplos meios de ação e expressão significa dar opções para que o aluno utilize suas maiores fortalezas para mostrar o que aprendeu.

Variar as Formas de Resposta e Navegação

- **Em vez de apenas prova escrita:** Permita que a avaliação seja feita por meio de um projeto, da construção de um modelo, de um desenho, de um mapa conceitual ou de uma apresentação.
- **Exemplo:** Após estudar a Revolução Francesa, o aluno pode escolher entre: a) escrever uma dissertação; b) criar uma história em quadrinhos representando os eventos; c) gravar um vídeo em Libras explicando as causas e consequências; d) construir uma linha do tempo interativa.

Otimizar o Acesso a Ferramentas e Tecnologias Assistivas

- **Permitir o uso de tecnologia:** Encoraje o uso de softwares de mapa mental, apresentações de slides, editores de vídeo e plataformas de gravação. O aluno surdo pode usar um smartphone para gravar sua resposta em Libras e enviar o arquivo.
- **Flexibilidade na escrita:** Ao avaliar um texto em português de um aluno surdo, o foco deve ser no conteúdo e na argumentação, e não primariamente na correção gramatical, lembrando que se trata de sua L2. Ferramentas de correção ortográfica e gramatical devem ser permitidas.

Permitir a Expressão em Libras

- **Abertura para a L1:** A forma mais autêntica de expressão para um aluno surdo fluente em Libras é a própria Libras. A escola deve ter mecanismos para que essa expressão seja válida.
- **Logística:** Isso pode significar que o professor, com a ajuda do intérprete, assistirá a uma apresentação em Libras. Ou o aluno grava um vídeo que será posteriormente interpretado ou avaliado por um professor bilíngue. A presença do intérprete na sala de aula no momento da avaliação é crucial para mediar as instruções e as respostas.

DUA NA PRÁTICA (3): MÚLTIPLOS MEIOS DE ENGAJAMENTO

Conectando o Currículo ao Mundo do Aluno Surdo

O terceiro princípio do DUA, o engajamento, é o coração da aprendizagem. Ele trata da motivação, do interesse e da relevância. Para o aluno surdo, que muitas vezes se sente isolado em um ambiente ouvinte, criar pontos de conexão é ainda mais vital.

Engajar o aluno surdo significa reconhecer sua identidade, seus interesses e dar-lhe um propósito para aprender, fomentando competências socioemocionais como resiliência e colaboração.



Otimizar a Escolha Individual e a Autonomia

- **Dar opções:** Permita que os alunos escolham tópicos de pesquisa dentro de um tema maior, ou decidam com quem querem trabalhar em um grupo.
- **Exemplo:** Em uma aula de literatura, em vez de todos lerem o mesmo livro, ofereça uma lista de opções, incluindo obras da literatura surda ou de autores surdos.



Otimizar a Relevância, o Valor e a Autenticidade

- **Conectar com a Cultura Surda:** Relacione o conteúdo curricular com a história e a cultura da Comunidade Surda.
- **Exemplo:** Em uma aula de Biologia sobre genética, pode-se discutir a genética da surdez (como o gene Connexin 26), desmistificando o tema. Em uma aula de História, pode-se estudar o Congresso de Milão de 1880 e suas consequências. Em Sociologia, pode-se analisar os movimentos sociais surdos.
- **Trazer modelos:** Convide profissionais surdos (engenheiros, artistas, advogados) para dar palestras (com intérprete) na escola, mostrando aos alunos as possibilidades de futuro.



Minimizar Ameaças e Distrações e Promover a Colaboração

- **Criar um ambiente seguro:** Estabeleça uma cultura de sala de aula onde o respeito à diversidade linguística é a norma. Incentive os colegas ouvintes a aprenderem alguns sinais básicos de Libras para saudações e interações simples.
- **Trabalho em grupo:** Crie grupos colaborativos mistos (surdos e ouvintes). Defina papéis claros para cada membro, garantindo que o aluno surdo tenha uma função ativa e não seja apenas um espectador. O intérprete pode mediar a comunicação do grupo. Isso desenvolve empatia e habilidades de colaboração em todos.

O engajamento é o que transforma a presença do aluno na sala de aula em participação genuína. Ele se sente visto, valorizado e parte integrante da comunidade de aprendizagem.

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS (TA): RECURSOS DE BAIXA TECNOLOGIA

Soluções Simples e de Alto Impacto

Quando se fala em tecnologia, muitas vezes pensamos em equipamentos caros e complexos. No entanto, no campo da Tecnologia Assistiva (TA), muitas das soluções mais eficazes são de "baixa tecnologia": recursos simples, de baixo custo e fáceis de implementar, mas que removem barreiras significativas no dia a dia.

Tecnologia Assistiva, conforme definido pela LBI, é qualquer "produto, equipamento, dispositivo, recurso, metodologia, estratégia, prática e serviço que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência".



Recursos Visuais de Sinalização

- **Alerta luminoso:** Uma simples lâmpada colorida conectada ao sinal da escola ou à campainha da sala. Quando o sinal toca (alerta sonoro), a luz pisca (alerta visual), informando a todos sobre o início ou fim da aula/recreio.
- **Timer vibratório ou visual:** Um cronômetro de mesa que, em vez de apitar, vibra ou mostra luzes piscantes para marcar o tempo de uma atividade. Pode ser usado no pulso do aluno ou em sua mesa.



Recursos de Comunicação e Organização

- **Quadro de comunicação/avisos:** Um espaço fixo e visível na sala de aula (um quadro branco, um mural de cortiça) onde o professor anota as tarefas do dia, datas de provas e avisos importantes. Isso serve de referência constante para o aluno surdo, que pode ter perdido uma informação oral.
- **Cartões de comunicação:** Fichas com figuras ou palavras-chave para comunicação rápida (ex: "Banheiro", "Ajuda", "Não entendi"). Útil especialmente para crianças surdas em processo de aquisição da Libras.



Adaptação de Materiais Pedagógicos

- **Materiais impressos bem estruturados:** Apostilas com layout claro, uso de negrito, cores, caixas de texto e imagens para destacar informações importantes. Um material bem diagramado é uma forma de tecnologia assistiva.

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS (TA): RECURSOS DE ALTA TECNOLOGIA

Ampliando Horizontes com Ferramentas Digitais

Os recursos de alta tecnologia, que envolvem eletrônica e software, abriram um leque de possibilidades para a comunicação, o acesso à informação e a aprendizagem de alunos surdos. Embora possam exigir maior investimento e treinamento, seu impacto pode ser revolucionário.

Software e Aplicativos

- **Aplicativos de Dicionário de Libras:** Ferramentas como o Hand Talk ou o GiuliApp, que traduzem palavras e frases do português para a Libras através de um avatar 3D. São úteis para consultas rápidas de vocabulário tanto para o aluno surdo quanto para colegas e professores.
- **Software de Legendas Automáticas e Transcrição:** Plataformas como Google Meet, Microsoft Teams e até mesmo o YouTube oferecem legendagem em tempo real de razoável qualidade. Softwares como o oTranscribe ajudam a transcrever áudios de forma mais eficiente.
- **Plataformas de Videochamada:** Ferramentas como Zoom, Skype e WhatsApp são essenciais para a comunicação em Libras à distância, conectando o aluno a familiares, amigos surdos e até mesmo a intérpretes remotos.

Equipamentos Específicos

- **Sistema de Frequência Modulada (Sistema FM):** Este é um recurso mais voltado para o aluno surdo oralizado que usa aparelho auditivo ou implante coclear. Consiste em um microfone usado pelo professor e um receptor conectado ao aparelho do aluno. O sistema transmite a voz do professor diretamente para o aparelho, reduzindo o ruído ambiente e melhorando a clareza do som.
- **Tablets e Smartphones:** Dispositivos onipresentes que se tornam poderosas ferramentas de TA. Podem ser usados para gravar aulas, acessar apps de Libras, pesquisar visualmente, organizar tarefas e comunicar-se por texto ou vídeo.

O Debate sobre o Implante Coclear (IC)

O IC é um dispositivo eletrônico complexo que é implantado cirurgicamente para fornecer uma sensação de som a pessoas com surdez profunda. É importante entender que o IC **não restaura a audição normal**. Ele fornece estímulos elétricos que o cérebro aprende a interpretar como som.

No contexto da Cultura Surda, o IC é um tema controverso.

Visão Clínica

Vê o IC como um avanço tecnológico que pode dar acesso ao mundo dos sons e facilitar o desenvolvimento da fala.

O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (PEI) PARA O ALUNO SURDO

Sistematizando Estratégias e Avaliando o Progresso

Todas as estratégias, recursos e abordagens que discutimos – DUA, Tecnologias Assistivas, parceria com o TILS, educação bilíngue – convergem em um documento estratégico fundamental: o **Plano Educacional Individualizado (PEI)**, também chamado de Plano de Desenvolvimento Individual (PDI).

O PEI é uma ferramenta de planejamento e acompanhamento, elaborada de forma colaborativa pela equipe pedagógica da escola, a família e, sempre que possível, o próprio estudante. Ele não é um currículo paralelo ou "mais fácil", mas sim um mapa que detalha como o aluno irá acessar o currículo comum (baseado na BNCC) e quais suportes serão necessários para seu desenvolvimento integral.

Avaliação Inicial (Anamnese)

- Quem é este aluno? Qual sua história de vida?
- Qual sua língua principal de comunicação (Libras, português oral, bimodal)? Nível de fluência?
- A família se comunica em Libras?
- Usa alguma tecnologia (AASI, IC)? Como se adapta a ela?
- Quais são suas potencialidades, interesses e habilidades?
- Quais são suas principais barreiras de aprendizagem e participação na escola?

Definição de Objetivos e Metas (SMART)

Os objetivos devem ser Específicos, Mensuráveis, Atingíveis, Relevantes e com Prazo definido.

Exemplos de Objetivos:

- **Linguístico (L1):** Ampliar o vocabulário em Libras em temas acadêmicos (ex: Biologia, História) em 20% até o final do semestre.
- **Linguístico (L2):** Produzir pequenos textos escritos em português (parágrafos) com coerência, utilizando vocabulário estudado em sala, com mediação do professor.
- **Acadêmico:** Ser capaz de explicar o processo de fotossíntese utilizando recursos visuais (desenho, mapa mental) ou em Libras.
- **Social/Socioemocional:** Iniciar interações com 2 a 3 colegas ouvintes por semana durante o recreio, utilizando comunicação básica em Libras ou escrita.

A BNCC E A ADAPTAÇÃO CURRICULAR

Flexibilizando o Currículo Comum, Não o Empobrecendo

Um receio comum na educação especial é que a "adaptação" curricular signifique um empobrecimento do conteúdo para o aluno PAEE. A perspectiva inclusiva atual, alinhada à **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, vai na direção oposta. A adaptação não é sobre "o que" o aluno aprende (os objetivos e competências), mas sobre "como" ele acessa e demonstra esse aprendizado.

A BNCC estabelece as competências e habilidades essenciais que todos os alunos devem desenvolver. O desafio da escola inclusiva é garantir que o aluno surdo, assim como os demais, tenha a oportunidade de desenvolver essas mesmas competências. O PEI e os princípios do DUA são as ferramentas para isso.

Como a BNCC se Conecta com a Inclusão do Aluno Surdo?

Competências Gerais

As 10 competências gerais da BNCC, como "Pensamento Crítico, Científico e Criativo", "Comunicação", "Cultura Digital" e "Empatia e Cooperação", são perfeitamente aplicáveis e desejáveis para o aluno surdo. O trabalho da escola é pensar em como viabilizar seu desenvolvimento.

- **Comunicação (Competência 4):** Para o aluno surdo, esta competência se desdobra na fluência em Libras (L1) e no letramento em Português (L2), utilizando diferentes mídias e tecnologias.
- **Empatia e Cooperação (Competência 9):** O ambiente inclusivo, onde surdos e ouvintes convivem e colaboram, é o terreno ideal para o desenvolvimento desta competência em TODOS os alunos.

Flexibilização e Contextualização

A própria BNCC prevê que os currículos sejam contextualizados. Para o aluno surdo, isso significa, por exemplo, incorporar elementos da Cultura Surda nas aulas, como já discutimos. Isso não é um desvio, mas um enriquecimento do currículo.

Adaptação Curricular na Prática (Exemplo: Aula de História)

Habilidade da BNCC (Exemplo do 6º Ano):

(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos

Adaptação com DUA (Não empobrecida):

- **Representação:** Além da aula com TILS, usar uma linha do tempo visual e interativa, mostrar vídeos sobre como diferentes

O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A Sala de Aula Inclusiva como Espaço de Crescimento Afetivo

A educação vai muito além do conteúdo acadêmico. Um dos pilares de uma formação integral é o desenvolvimento de **competências socioemocionais**: a capacidade de gerir emoções, estabelecer e alcançar objetivos, sentir e mostrar empatia, manter relações positivas e tomar decisões responsáveis.

Para o aluno surdo, muitas vezes inserido em um mundo majoritariamente ouvinte, o desenvolvimento dessas competências é ainda mais crítico. O isolamento, a dificuldade de comunicação e as experiências de preconceito podem impactar negativamente a autoestima, a resiliência e a capacidade de colaboração. A escola inclusiva tem um papel proativo a desempenhar aqui.

Como a Inclusão Fomenta as Competências Socioemocionais?



Para o Aluno Surdo

- **Autoconfiança e Autoestima:** Ao ter sua língua e cultura valorizadas (através da Libras, do TILS, de conteúdos relevantes), o aluno constrói uma identidade positiva. Ao ter sucesso em tarefas acadêmicas por meio de estratégias acessíveis (DUA), ele desenvolve um senso de competência.
- **Resiliência:** Enfrentar e superar as barreiras de comunicação diárias, com o apoio da escola, desenvolve a capacidade de persistir diante de desafios.
- **Colaboração:** Projetos em grupo bem mediados, onde sua contribuição é essencial, ensinam-no a trabalhar em equipe, a expressar suas ideias e a valorizar as dos outros.



Para os Alunos Ouvintes

- **Empatia:** A convivência diária com um colega surdo é a lição mais poderosa sobre empatia. Eles aprendem a se colocar no lugar do outro, a entender diferentes formas de ser e se comunicar. Eles percebem que a "diferença" não é um "defeito".
- **Colaboração e Flexibilidade:** Aprendem a adaptar sua comunicação (falar de frente, gesticular, aprender alguns sinais), tornando-se comunicadores mais eficazes e cidadãos mais conscientes da diversidade.
- **Redução de Preconceitos:** O contato direto e positivo é a forma mais eficaz de quebrar estereótipos sobre pessoas com deficiência.

Estratégias Intencionais do Professor

- **Rodas de Conversa:** Crie espaços seguros para discutir sentimentos, desafios e sucessos.

SÍNTESE DO FLUXO INCLUSIVO

Do Direito à Prática Pedagógica Cotidiana

Nesta aula, percorremos um longo caminho que vai desde os fundamentos filosóficos e legais até as estratégias práticas de sala de aula. Para consolidar essa jornada, podemos visualizar um "fluxo inclusivo", um processo contínuo que conecta todos os elementos discutidos.



Fundamento Legal e Filosófico (A Base)

- **Leis (LBI, Lei de Libras):** Garantem o direito à educação inclusiva, à Libras e aos serviços de apoio.
- **Modelo Social:** Entendemos que a barreira não está no aluno, mas no ambiente.
- **Perspectiva Cultural:** Reconhecemos a Surdez como identidade e a Libras como língua natural.



Planejamento Estratégico (O Mapa)

- **BNCC:** Define as competências e habilidades que SÃO o destino da aprendizagem para todos.
- **PEI/PDI:** Cria o mapa personalizado para o aluno surdo, detalhando a rota, os desvios necessários e os pontos de apoio, com base em uma avaliação aprofundada de suas necessidades e potencialidades.



Abordagem Pedagógica (O Veículo)

- **Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA):** É o nosso veículo principal. Em vez de um carro padrão que precisa de adaptações, ele é como um ônibus moderno com rampas, espaços flexíveis e múltiplos sistemas de informação (visuais e sonoros), projetado desde o início para servir a todos os passageiros.



Recursos e Suportes (As Ferramentas e os Co-pilotos)

- **Parceria Professor-TILS:** O professor é o motorista que define o destino (objetivos pedagógicos). O TILS é o especialista em navegação linguística, garantindo que as instruções sejam compreendidas e que o passageiro (aluno) possa se comunicar.
- **Tecnologias Assistivas (TA):** São as ferramentas na caixa: de um simples mapa impresso (baixa tecnologia) a um GPS avançado (alta tecnologia), usadas para superar obstáculos específicos no caminho.



Competências Socioemocionais

CONSOLIDAÇÃO

Resumo dos Conceitos-Chave

- **Surdez vs. Deficiência Auditiva:** Superamos o modelo clínico (foco na falta) para abraçar o modelo sociocultural (foco na identidade, cultura e língua). A barreira não está no indivíduo, mas na sociedade.
- **Libras como L1:** A Língua Brasileira de Sinais é uma língua completa, crucial para o desenvolvimento cognitivo, social e identitário do sujeito surdo. A educação bilíngue (Libras como L1, Português escrito como L2) é a abordagem pedagógica mais adequada.
- **O Papel do TILS:** O Tradutor e Intérprete de Libras é um mediador linguístico e cultural, não um professor auxiliar. A parceria colaborativa entre professor e TILS é a chave para o acesso à comunicação.
- **DUA como Filosofia:** O Desenho Universal para a Aprendizagem nos ensina a projetar currículos e aulas flexíveis desde o início (múltiplos meios de representação, ação/expressão e engajamento), beneficiando todos os alunos.
- **Inclusão na Prática:** A inclusão se materializa através da combinação de legislação, planejamento (PEI), abordagens pedagógicas (DUA), recursos (TA) e um foco intencional no desenvolvimento socioemocional em um ambiente colaborativo.

Perguntas para Reflexão

1. Antes desta aula, qual era sua concepção sobre surdez? Como ela mudou?
2. Imagine que você receberá um aluno surdo em sua sala de aula amanhã. Quais seriam as suas três primeiras ações práticas, com base no que aprendeu hoje?
3. Como os princípios do DUA poderiam transformar não apenas a sua prática com alunos surdos, mas com todos os seus alunos?
4. Qual é a sua posição no debate sobre escolas regulares inclusivas versus escolas bilíngues especializadas para surdos? Quais são os principais argumentos que sustentam sua visão?

Conexão com a Próxima Aula

Na aula de hoje, exploramos a fundo as barreiras de comunicação e as soluções para a deficiência sensorial auditiva. Na nossa próxima aula, **Aula 10 – Deficiência Físico-Motora e Múltipla Deficiência**, mudaremos nosso foco para as barreiras de acessibilidade arquitetônica, motora e as complexidades envolvidas no atendimento de alunos com múltiplas deficiências, continuando a aplicar a lente do DUA e da LBI.

Recursos Adicionais

- **Portal do MEC:** Busca por "Educação Bilíngue de Surdos" e "PNEEPEI".
- **INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos):** Site com vasta produção de conhecimento, materiais e vídeos.